"EM FRENTE!"

Discurso pronunciado pelo Dr. Rolão Preto no banquete dos intelectuais nacionalistas

"Em frente por um Portugal maior em Justiça!"

TIPOGRAFIA PORTELA FEIJÃO

CASTELO BRANCO

1942

Palavras do Dr. Rolão Preto

pronunciadas no banquete dos intelectuais nacionalistas

Camaradas!

Na batalha entre a Nação e a anti-Nação a minha posição de nacionalista obriga-me a estar ao lado da Nação.

Nacionalismo e Revolução

Nacionalismo não quer dizer saudosismo, significa apenas acção.

A caminho de novos triunfos, se é justo que nos arrebate o dinamismo dum acto de fé no destino dos Portugueses, impõe-se de igual modo que, antes de continuarmos a marcha vitoriosa, a consciência se esclareça com os propósitos sinceros e profundos que nos animam.

Empunhamos, é certo, a bandeira da Nação; mas que ninguém se iluda sôbre o significado revolucionário do nosso nacionalismo. Jàmais podemos consentir que êste brado de justiça venha a confundir-se com os ecos dos *profissionais* do patriotismo.....

Nacionalismo não pode mais significar *reacção*. Já é tempo de também o libertarmos de tantas cristalizações bafientas e aviltantes com que o revestiu o *patriotismo* reles da nossa decadência.

Estamos fartos — tenhamos a coragem de proclamá-lo — da ladainha de marasmo e tédio com que os vários apóstolos de regeneração nacional têm embalado a esperança desta Terra, fazendo desfilar continuadamente a seus olhos cansados as cavalgadas reluzentes, mas hoje inoperantes e inúteis dos heróis famosos da História..... Sempre os Gamas, os Albuquerques, os Pachecos..... Basta: que o cortejo de fantasmas gloriosos do Passado nos não deslumbre a ponto de nos esquecermos do trágico desfile das nossas próprias misérias.

Se Nacionalismo já significou tradição, hoje em dia deve significar, sobretudo, *rompimento;* — rompimento de velhas algemas ideológicas, para que o espírito vôe e suba sempre mais alto; rompimento da linha de rotina burguesa e capitalista, para que o coração bata mais iivre dentro do peito; rompimento de velhas perspectivas antiquadas, para que a consciência do nosso esfôrço seja mais clara e precisa.

A Revolução Nacional não cabe dentro do quadro criado pelos preconceitos e receios dos *previlegiados*, herdeiros de posições que os tempos não respeitaram.

Nacionalismo não quere dizer *saüdosismo*, significa apenas *acção*. Os próprios mortos, mesmo quando os invocamos, terão de surgir-nos de pé, armados para o combate; e nunca em paradas fantasmagóricas de saüdade vã.

A Nação está cansada de tanto olhar para trás.....

A India, Ormuz, Malaca, tôda a rutilante lembrança das riquezas do Oriente, só pode hoje servir-nos para tornar mais negra e

amarga a visão de tantas pobres realidades através das quais teremos de ir tentando romper e desbravar o caminho do futuro.

Olhemos *em frente*..... *Em frente* é que estão tôdas as possibilidades modernas da máquina, os vastos campos da técnica sem horizontes, e, tôda a grandeza, tôda a glória da Justiça. E' *em frente* que vemos realizar-se a já esboçada organização social que, dando aos Portugueses o bem estar indispensável, os faça considerar a Nação como coisa diversa duma grilheta.

Em frente é que se encontram as rotas por onde a Revolução vai, pouco a pouco, libertando o Homem da dura lei do trabalho e da triste situação da ignorância.

Em frente e não *para trás: Em frente* e não *contra.*

Assim o conceito revolucionário do Nacionalismo conquista para a Nação o seu justo lugar *entre* as demais nações, como nota particular que faz parte da harmonia geral, diferenciação histórica ao serviço da civilização do mundo, enquanto que o nacionalismo burguês, opondo a Nação às outras nações, cria a lei duma fatalidade de permanente antagonismo e ódio, contra a qual se revolta a nossa época.

Tal é o sentido que tem para nós a palavra, o termo Nacionalismo — um sentido revolucionário e «humanista».

Na nova orgânica do mundo, será êle que, sobrepondo-se à tradição, embora sem a atacar nem deminuir, conquistará posições onde os Povos, valorizados pelos seus próprios particularismos, saberão encontrar a realização, o objectivismo duma convergência profícua e útil ao avanço geral da Civilização.

A Revolução e a Personalidade humana

Não combatemos a liberdade, combatemos o "liberalismo" por êle se ter revelado impotente em garantir as liberdades.

Analisado o conceito de Revolução à luz criadora nos nossos dias e em face das realidades históricas urge agora definir o seu sentido ante os interêsses da Personalidade do Homem, finalidade suprema de todo o esfôrço civilizador. São as liberdades que definem a personalidade.

Sem liberdade não existe responsabilidade, nem portanto consciência.

Tôda a nobreza dos actos do Homem provém da dignidade da sua vontade livre. Foi por não ter garantido essas liberdades que o liberalismo faliu. Convencido de que bastaria proclamar a liberdade para que ela fôsse uma realidade sôbre a Terra, o regime liberal conduziu, na verdade, à maior escravidão humana.

Cem anos de Constitucionalismo liberal-demócrata provam assim sobejamente que a liberdade reclama não só um meio social favorável ao justo desenvolvimento de tôdas as suas possibilidades materiais e morais como exige também, em própria defesa e guarda, a vigilante protecção dum Estado forte, criada por um quadro de instituições apropriadas.

Não tendo sabido realizar essas indispensáveis condições, o Liberalismo tornou-se, dia a dia, como regime político, no predomínio tirânico do caciquismo e das oligarquias parlamentares; como sistema económico social, na tirania do capitalismo e da plutocracia. Proclamado, com efeito, «livre», logo o Homem passou à condição de escravo, em nome da liberdade com que os *mais fortes* se permitiram tutelar e expoliar os mais fracos.

Diante da tirania dos poderosos, o Sistema, vendo-se forçado a cruzar os braços, não podendo pela sua própria ideologia intervir, revelou-se completamente impotente em formar e manter uma moral social sàdia e justa, que garantisse e exaltasse entre os homens os direitos da personalidade humana.

Pode acaso o Comunismo resolver êste problema? O Comunismo, para libertar o «indivíduo» das oligarquias políticas e financeiras e, dum modo geral, de todo o poder dos privilegiados, criou por seu turno, outra tirania: a tirania do Estado.

O Estado-Banca, o Estado-Indústria, o Estado-Terra, o Estado-Cultura, o Estado-Estética, assim o regime soviético comunista estabeleceu uma nova escravidão do Homem, em nome da defesa do «Indivíduo» Liberto.

Para o Cezarismo marxísta a vida e a felicidade humana não têm valor metafísico algum. Afirmou-o e publicou-o Trotski e perentòriamente o provam tôdas as tentativas de realizações comunistas.

Não é em função da Personalidade que se reforça o Estado, mas em função da Colectividade. Como se a civilização não fôsse tôda edificada para o Homem, sacrifica-se e imola-se êste — única realidade sôbre a terra — a um exagerado culto do mito da Comunidade.

De igual modo o Estatismo se mostra, muitas vezes, contrário aos direitos da liberdade humana. Aqui a colectividade chama-se «Estado» e é em nome desta que o Homem tem de demitir-se de tôda a sua personalidade.

Considerado *fim* de si própria e não *meio* de emancipar e desenvolver as possibilidades humanas, o Estado torna-se, através do Cezarismo estatista, noutra dura escravidão, também sem dúvida condenável como as precedentes.

Diversos, bem diversos são os termos com que a Revolução portuguesa equaciona êste problema.

Herdeiros dum personalismo sempre evidente através tantos lances da sua vida nacional, fundadores de civilização e apóstolos no mundo da Revolução Cristã, para os Portugueses «Chefe» tem um sinónimo apenas: — *Procurador do Povo.*

E, Nação, significa tam sòmente a fórmula histórica de garantir a cada Português o bem estar que é devido a todos os Portugueses.

Por isso nós entendemos criar instituïções novas, em cujos quadros o Homem encontre tôda a defesa e tôda a protecção indispensáveis ao seu livre e expontâneo desenvolvimento.

Municipalista, Regionalista, Sindicalista..... eis outros tantos aspectos por que se define a liberdade — aspectos que o Liberalismo combateu, pelo centralismo eleitoral do Poder, em nome da libertação do «indivíduo» isolado — e que constituem a armadura forte e invencível do Homem contra as prepotências do Estado e os abusos de mando dos outros homens.

Sem perder nenhuma das características conformadoras da personalidade, o Homem procura assim, associando-se em *comunidade nacional, regional ou profissional,* um maior reforço, a sua ingénita grandeza, ao seu próprio e íntimo valor.

A Revolução e os novos

Chegámos a uma hora máxima da História para a qual os problemas que perturbam e inquietam a consciência da Nação, exigem uma visão total, viril, nova e revolucionária das suas soluções. Inútil se torna teimarmos em manter velhas posições há muito ultrapassadas, conceitos que não se traduziram em realizações de justiça, fórmulas caducas.

A rotina tradicionalista, seja qual fôr o disfarce com que procure sobreviver, já não esconde a sua impotência em adaptar, sem manifesto sacrifício de privilégios, um mundo decrépito e absurdo ás necessidades e aspirações do mundo novo.

As palavras, por mais clara e sólida que pareça a cristalização que alcançaram, já hoje em dia não enganam ninguém: — perderam de todo, aquêle poder oculto de sugestão, que outrora embalava os novos em precárias ílusões.

Baldado esfôrço o daquêles que se dizem — e talvez se creiam — filhos da Revolução, mas mostram todos os dias a sua pobre alma de reaccionários, de conformistas, de conservadores inconfessos.

A Revolução só pode ser obra de revolucionários.

E' impossível acumularem-se proventos, e ser-se revolucionário; é impossível estar-se ao lado da usura, da especulação, e ser-se revolucionário; é impossível combaterem-se

os mais sagrados direitos da Personalidade e ser-se revolucionário. Revolucionário, sim é aquele que arriscou tudo na batalha pelas ideias resgatadoras riqueza, liberdade, conveniências e a própria vida, a-fim-de que os seus irmãos tenham todos um lugar ao sol; a-fim-de que a todos grandes e pequenos, seja assegurada a benção da justiça; a-fim-de que, emfim, todos os homens sôbre a terra sejam verdadeiramente livres.

Revolução é sinónimo de Mocidade, porque só a idade generosa e ousada do espírito a interpreta total e fielmente, com esperança, com fôrça e com intrepidez.

Desta arte, Revolução quer dizer sobretudo, renovação permanente em juventude, dos quadros da Sociedade e do Estado.

Não basta já a substituïção das velhas engrenagens, herdadas de tempos remotos, nem dos velhos princípios que a experiência ultrapassou. Exige-se ainda, em todo o profundo sentido da sua realidade, a conquista e penetração do país pela fórmula, revolucionária por excelência:—*Lugar aos novos!*

Só o predomínio duma mentalidade democrática, quer dizer, burgueza, equilibrada, ponderada e, por isso mesma, imprevidente, afastou sempre, por perigoso e irreflectido, o espírito criador e renovador da juventude.

O que há de liberdade na irreverência, o que há de expontâneo na paixão, o que há de criador na audácia tudo, tudo foi banido em nome duma regra que é tantas vezes rotina, duma ordem que tantas outras significa injustiça, duma fórmula feita que é quási sempre mistificação.

Como se o talento fôsse função exclusiva da sabedoria e a consciência tributo único da idade em que o homem já entra a perder a memória — proclamou-se condição prévia de todo o comando eficaz, estar êsse comando entregue, por sistema, em mãos cansadas.

Nada mais absurdo e contrário à realidade viva da História.

A época viril da Nacionalidade coincide com idade moça nos comandos.

Aqueles que talharam na Península a Nação Portuguesa, aqueles que a consolidam e defendem durante a dura crise da invasão castelhana, como aqueles que lhe descobrem e conquistam um vasto império além do mar —tôda essa gente é gente moça, liberta do condicionalismo negativo da experiência.

Enchem a bôca aos velhos com os nomes dos guerreiros e navegadores do Passado.

Sabem êles, porventura, que idade moça animava, nas primeiras vitórias, o braço do Fundador?

Conhecem com que irreflexão de idade o Mestre de Aviz e o Condestável venceram a ponderação dos que condenavam, por impossível, a independência de Portugal?

Verificaram acaso a idade de «guarda-marinha» que tinha o Gama ao voltar das Indias?

Como se pode então, quando se é adorador profissional da História, reclamar hoje para a inteligência e para a acção o exemplo prudente e estéril do Velho do Restelo?

Tôda a acção exige fé sem limites e o sentimento da fé sempre foi o mais subtil dos imponderáveis.

Por isso a Mocidade, que acima de tudo sabe amar e sabe crer, é a mais forte e mais segura alavanca de tôdas as vitórias.

Os grandes homens de acção foram homens de espírito môço.

De Alexandre a Napoleão, a História inteira rumoreja do prodigioso vendaval de juventude que a agita.

Tempos vieram, é certo, em que o mundo se torna estreito campo de circunspecção e de rètórica. E' então que o trabalho passa a ser escravo da especulação, a inteligência serva do formalismo, o espírito vítima da ficção.

E' a quadra tenebrosa em que o homem, negando o próprio temperamento e atraiçoando as possibilidades fecundas do dinamismo interior, condena a sua juventude à escravatura das posições subalternas, convencido —ai dêle:—que só a idade em que a doença é mais frequente e o cansaço mais natural o tornará digno dessas virtudes de direcção só conferidas aos velhos nos sociedades decadentes.

Eis, porém, que a Revolução proclama agora os seus direitos, restaurando tôda a virilidade e expontaneidade do pensamento humano.

Um rítmo novo sacode a Terra inteira. As fórmulas tradicionais burguesas caiem em ruínas. As novas gerações encontram-se, de súbito, no alvorescer duma idade inédita do mundo.

Em vez do conformismo rigido dos nossos pais, afirma-se a imperiosa necessidade doutra inspiração para as regras do espírito, inspiração *mais plástica, mais humana,* que não sacrifique impiedosamente o valor próprio da Personalidade às imposições precárias e absurdas da convenção.

No próprio plano da moral social a transformação segue, trepidante, a sua marcha.

Onde estão, com efeito, as virtudes burguesas pelas quais outrora se conduziu e regeu tôda uma época?

As gerações do nosso tempo não podem orientar-se tomando ruínas por farol, nem perder o seu tempo precioso diante de trágicos muros de lamentações..... Um novo conceito dos problemas que a sensibilidade equaciona, nasce naturalmente das perspectivas renovadas que as realidades mostram à inteligência. A Revolução tudo penetra, tudo, pouco a pouco vai dominando.

Aqueles mesmo que ainda a combatem, entrincheirados nos últimos redutos da velha ordem agónica, já — sem disso terem consciência — vão sendo por ela implacàvelmente conduzidos.

Justiça, Cultura, Estética, o próprio conceito de amor:— a tudo o ritmo novo está concedendo uma alma nova.

Pouco importa se as fórmulas inéditas que o coração e o espírito descobrem, e adoptam e chocam, por ora, tanta gente que teima em guardar a lembrança saüdosa da antiga cadência.....

Revolução implica rotura. Até mesmo o valor das tradições só bem se abrange e avalia pelo que delas reflete o espírito que, ousadamente, passou o Rubicão.....

Por isso quando dizemos «lugar aos novos», afirmamos, antes de mais nada, o nosso vivo protesto contra o crime mercê do qual as gerações velhas pretendem «envelhecer» as novas gerações.

Crime sem nome que se perpetua nos *critérios escolares,* essa fieira trágica donde a tanto custo logram escapar-se, às vezes, as virtudes criadoras da mocidade.

Reflexo imediato e ignominioso da Sociedade que as gerou, as Escolas denunciam por vezes o sentido da sua errada missão, revelando-se, dêsde as primeiras letras aos graus universitários, triste instrumento dum pragmatismo absurdo e dum utilitarismo corruptos, inimigos jurados da expansão e do desenvolvimento espiritual da juventude.

Longe de activar, de reforçar as iniciativas próprias de cada temperamento, as Escolas só cuidam em adaptar, «tornar apto», para a mesma vida da sociedade egoísta e decrépita do presente, tôda a gente moça que passa, triturada pelas suas engrenagens.

E assim acontece, que inteligências e caractéres, em vez de saírem da Escola *completando-se,* saem delas por via de regra *deformando-se.*

Nunca se procura revelar a Personalidade, mas sim prepará-la e ageitá-la, para uma *colocação,* para um *pôsto* vantajoso na vida. Pouco importa, morram antes, uma natural vocação, um talento característico uma vontade definida e original.

O ensino, tal como se tem administrado, pelo menos até há pouco tempo, não se destinava formar um meio moral e espiritual sàdio para o Homem, mas tam sòmente a desenvolver um plano de física social para o «Indivíduo».

Milagre é pois, e sagrado milagre, que para além das engrenagens escolares, vencendo todos os malefícios dos programas e dos métodos, a mocidade da nossa época consiga manter carácter, afirmar vontade, reagir e marchar.....

Eis a sua glória: Em todos os lances da vida moderna, a mocidade lá passa preenchendo e alegrando as prespectivas no tempo e no espaço.

Sóbrios, desportistas, linhas simples nos trajes e nos conceitos, os Novos estão, a todo o instante, transformando a face da Terra.

Áspera e rude é, porém, a sua obra.

Trágica situação a do mundo no momento em que afloram à existência. Para êles, proletários da inteligência, como para os proletários da *mão de obra*, tudo por tôda a parte se encontrava já *tomado*.

Situação paradoxal.

Preparado o Homem exclusivamente para a posição, a profissão, o emprêgo e não lhos garantir, depois na vida prática, tal é a incongruência, o absurdo odioso do nosso tempo.

Como não havia de então revoltar-se tôda a juventude, quando chega um dia à ambicionada meta, anciosa de independência, de esfôrço, de liberdade e só lá encontra, como prémio e como estímulo, o vexame de curvatura de espinha perante privilégios e privilegiados?

E seria, porventura, possível alterar-se esta ordem de coisas enquanto os muitos ricos forem acumulando, sem limites, proventos e riquezas; enquanto a certidão de idade continuar a ser padrão único por onde se aquilate o mérito dos cidadãos; enquanto a orgânica dessa Sociedade prosseguir moldada em fórmulas antiquadas, que excluem as transformações da técnica, as possibilidades da racionalização, o valor intrínseco da mocidade?

Desdenhados, afastados, incompreendidos, os Novos entram a dar os primeiros passos na estrada da vida, rodeados duma atmosfera de hostilidade impiedosa e sistemática, que a muitos perde irremediàvelmente.

Nunca, ou raríssimas vezes, se faz apêlo ao seu espírito de iniciativa, ao critério expontâneo da sua vocação.

Desde as pontes e calçadas até à inteligência e à estética, só têm razão os *consagrados*.

A nossa posição

Em frente:

O sentido revolucionário e personalista que nos inspira define clàramente a nossa posição dentro do momento político nacional.

A Revolução não tem limites.....

Para além da Revolução, a Revolução.....

Tôda a Revolução que pára e hesita já nãe é Revolução, mas Contra-Revolução.

Lançado na estrada larga por onde se há-de refazer a Nação, na grandeza e dignidade dos Portugueses — tôdas as conquistas do presente esfôrço são por nós consideradas necessárias étapas, para além das quais a marcha se não interromperá jàmais enquanto haja, dentro de Portugal, fome de pão e sêde de justiça.

Por isso proclamámos e continuaremos proclamando a revolta dos escravos modernos.

Ecôa e vibra, no íntimo de nós mesmos, o apêlo de todos os que sofrem, de todos os que lutam, de todos os que esperam.....

Se não há obstáculo que possa deter a nossa marcha, não haverá também vitória que consiga pôr o limite de qualquer conformismo ao nosso anceio.

Somos a Revolução que, em si própria, se renova e activa, projectando-se incessantemente para além de tôdas as conquistas de futuro.

Revolução invencível, pois que é dentro de nós, no âmago do nosso ser, que ela primeiro se realiza e triunfa, depurando-nos de todos os velhos preconceitos, de todos os baixos sentimentos de egoísmo e ódio que movem o mundo burguês, para nos elevar finalmente, em espiritualidade e nobreza, à condição superior de Homens livres.

Revolução que é luta de ideias activas e armadas, antes de erguer trincheiras e dominar as realidades.

O nosso acto de presença, nos campos mais diversos do pensamento ou da actividade nacional, caracteriza-se desta maneira pelo sentido positivo, audacioso, fecundo com que sempre se revelará e mostrará *afirmação:* — Afirmação de realismo político, afirmação de justiça social, afirmação de resgate do Espírito.

O clamor de angústia que sobe de tantos peitos, vítimas do nosso século, é demasiado insistente e trágico para que as gerações continuem perdendo-se, gastando o melhor do seu esfôrço e da sua fé em batalhas incidentais, sem visível objectivo imediato.

Traição seria, e negra traição, para com o nosso tempo e para com a nossa missão resgatadora, se nos deixássemos conduzir pelas antigas paixões burguesas que ensangüentaram mais de cem anos de História Contemporânea.

Liberte-se o Homem de tôdas as peias económicas e espirituais em que agoniza a sua vontade e a sua alma.....

Eis o que urge, antes de mais nada.....

Liberte-se o Homem.

Camaradas:

Nós somos o clamôr da sensibilidade e do orgulho espiritual da personalidade humana. Que o nosso espírito se penetre totalmente da grandeza altíssima da nossa missão. Encaremos o futuro com o desassombro com que dominamos as paixões do presente e façamos justiça às intenções generosas do passado.

Para nós outros, milícias espirituais e actores de Revolução, o plano em que se debate a crítica dos acontecimentos, a crítica dos homens e da sua obra é inteiramente dominado pelo pensamento criador que inspira a nossa confiança no futuro.

A Revolução, que está em marcha, não pode voltar atrás.....

O que haja de obra, feita — estradas, portos, navios — o tempo o julgará. Por agora, basta que consideremos tudo isso como um esfôrço tentado, uma étapa alçançada, na longa série de esforços a conseguir, de étapas a realizar, para a reconquista e salvação dêste País.

Que Revolução signifique, sôbretudo, independência, arejamento, *claridade*.

Para que entre nela, com ar fresco e livre, o sol vivificador do optimismo e da esperança, abram-se, de par em par, as largas janelas que a paixão e o luto da decadência pátria fecharam, outrora, à gloriosa Casa Lusitana.

Queremos viver:

Quebre-se o poder, considerado sem limites, da *saüdade*, o poder sem sentido da *tristeza*.

Queremos viver:

Quebre-se o fatalismo atávico e degradante da *nossa desgraça*, que faz dos Portugueses pobres párias sem fé, esmoiando a vida à porta dos seus *Senhores*

Queremos viver:

Queremos viver, tendo todos um lugar em nossa Casa — um logar na justiça, um logar na alegria.....

Lugar aos portuguezes.

Nem contra as esquerdas nem contra as direitas.

Pela Nação contra a anti-Nação.

Hoje e sempre o meu grito será: Em frente por um Portugal maior em Justiça.

Visado pela Comissão de Censura